

Os Jornalistas nas 'Cenas da Vida Portuguesa' de Eça de Queirós

*Journalists in 'Cenas da Vida Portuguesa'
by Eça de Queirós*

Resumo:

Este artigo pretendeu compreender como a literatura portuguesa da segunda metade do século XIX representou ficcionalmente os homens da 'imprensa'. Tendo como referência estudos de história cultural e de história do jornalismo, em particular, o cotejo dessas representações ficcionais trouxe à superfície algumas tensões socioculturais que estiveram na génese da construção identitária dos jornalistas e na cisão do campo da imprensa que foi determinante para a autonomia da profissão. A análise de personagens, figurantes e espaços de quatro romances de Eça de Queirós – *O Crime do Padre Amaro* (1875), *O Primo Basílio* (1878), *Os Maias* (1888) e *A Capital* (1925) – permitiu concluir i) que a presença destas personagens nos romances de Eça testemunha a importância que a profissão de jornalista assumia no xadrez sociocultural urbano da segunda metade do século XIX; ii) que, sujeitas a uma figuração caricatural, estas figuras são reveladoras da desconfiança e desprezo que esta nova classe profissional merecia

por parte da elite culta que até meados do século dominava o mundo da imprensa.

Palavras-chave: Jornalistas; imprensa oitocentista; Eça de Queirós; personagens; figuração; Realismo.

Abstract:

This article intended to understand how the Portuguese literature from the second half of the 19th century represented fictionally the men of the 'press'. Having as reference the cultural history studies and journalism's history, in particular, the collation of those fictional representations brought to the surface some sociocultural tensions. Those challenges were on the origin of the definition of journalists' identity and in the scission of the press' field which was determinant to the autonomy of their profession. The analysis of the main and secondary characters and spaces of the four novels by Eça de Queirós – *O Crime do Padre Amaro* (1875), *O Primo Basílio* (1878), *Os Maias* (1888) e *A Capital*

Catarina Magalhães¹

Universidade de Coimbra

catarina-magalhaes1999@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1449-596X>

Ana Teresa Peixinho²

Universidade de Coimbra

apeixinho71@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4533-7921>

https://doi.org/10.14195/2183-6019_13_1

(1925) – allowed to conclude i) that the presence of these characters in Eça's novels proves the importance that the journalists represented on urban socio-cultural chess in the second half of the 19th century; ii) that, subjected to a caricatural figuration, these figures reveal the suspicion and despise that this new professional class deserved by the cultured elite who, until the mid-century, dominated the world of the press.

Keywords: Journalists; 19th century press; Eça de Queirós; characters; figuration; Realism.

1 Catarina Magalhães é mestranda em Jornalismo e Comunicação na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Licenciada em Jornalismo e Comunicação com Menor em Línguas Modernas – Inglês (FLUC).

2 Ana Teresa Peixinho é Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Doutorada em Ciências da Comunicação, é investigadora integrada do Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20) e colaboradora do Centro de Literatura Portuguesa (CLP). Desenvolve investigação no domínio dos estudos narrativos mediáticos e dos estudos queirosianos. CV: <https://www.cienciavita.ept/pt/BA1F-98B6-867D>

Enquadramento teórico

Os principais historiadores dedicados ao estudo dos movimentos culturais da segunda metade do século XIX têm mapeado um conjunto de indicadores sociais, culturais, tecnológicos e políticos que permitem, com relativa segurança, afirmar que o campo profissional do jornalismo, em Portugal, se começa a desenhar neste período, particularmente e com maior nitidez, a partir da década de 80¹. Acompanhando as profundas alterações de uma “civilização do impresso” (Dias, 2014, 2019), favorecida por avanços tecnológicos significativos e por mudanças assinaláveis no espaço público urbano, os ‘jornalistas’ vão ganhando notoriedade

e assumindo um protagonismo no espaço público, a ponto de constituírem, no final do século “uma *intelligentsia* com identidade própria e militância ativa (...) que paulatinamente adquiria consciência profissional de classe (...)” (Sardica, 2012, p. 350).

M. Conboy e M. Tang (2016), num estudo sobre a história profissional dos jornalistas, defendem que a identidade da profissão se construiu a partir de ideias comuns partilhadas pelo coletivo sobre o que o jornalista era, o que fazia, qual a sua função social e qual o valor do jornalismo. Assumindo a construção identitária como constructo discursivo, decorrente de percepções e opiniões provenientes quer de testemunhos dos profissionais, quer da opinião pública, os autores salientam a importância dos sedimentos discursivos presentes em textos legais, normativos e testemunhais que permitem compreender o modo como os “profissionais da imprensa” foram solidificando a sua identidade pública.

Ora, um dos meios de obtermos uma visão da construção da profissão em Portugal passa por dar atenção ao modo como a literatura da segunda metade do século XIX representou os

jornalistas e o universo da imprensa. Dadas as afinidades e sobreposição dos dois campos – o literário e o da imprensa – que marcaram a história do jornalismo português e de outros países europeus (Ferenczi, 1993; Freitas, 2002; Santos, 1985; Soares, 2011; Thérenty, 2003; Thérenty & Vaillant, 2004), a análise dessas representações ficcionais pode trazer à superfície algumas tensões socioculturais que estiveram na génese da construção identitária da profissão e na cisão do campo da imprensa que foi determinante para a autonomia da profissão. Sabe-se já que o processo de afirmação profissional se concretizou por ruturas e jogos de forças dentro do mundo dos jornais, inicialmente dominado por homens de letras e intelectuais, e progressivamente integrando repórteres, tipógrafos, informadores, determinantes para a massificação da imprensa, embora sem a aura e o poder simbólico dos homens de letras, escritores, poetas, dramaturgos (Peixinho & Dias, 2021)².

1 Um desses indicadores é o surgimento das primeiras associações formalmente constituídas: entre 1880, ano da fundação da Associação de Jornalistas e Escritores Portugueses e 1925, ano da fundação do primeiro Sindicato dos Profissionais da Imprensa, detetam-se em Portugal sete associações de classe. São elas: 1880, Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses; 1882, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto; 1896, Associação dos Jornalistas de Lisboa; 1897, Associação da Imprensa; 1904, Associação dos Trabalhadores da Imprensa. Esta última dará origem, em 1924, ao Sindicato dos Profissionais da Imprensa, cujos estatutos são publicados em 1925 (Cunha, 1941; Vargues, 2003; Sardica, 2012; Peixinho & Dias, 2021).

2 “A partir do momento em que os jornais se massificaram e a informação ganhou valor comercial, as redações dos jornais passaram a alimentar-se de um conjunto crescente de

Acredita-se que a imagem dos jornalistas projetada pela ficção da época, sendo muitas vezes caricatural³, aponta certamente as principais carências da classe, mas é também sintoma de um desconforto que foi sendo gerado neste campo entre as elites cultas, leia-se, escritores, homens de letras, intelectuais, e a massa de profissionais do ofício que começava a ocupar as redações e a reivindicar um estatuto autónomo:

D'une part, le premier [le journalisme] ne cesse d'être représenté et commenté par la deuxième [la littérature]; d'autre part le double reflet qui lui renvoie ce miroir littéraire est fait de deux visions extrêmes: on diabolise le journal réel,

profissionais – entre noticiaristas e redatores, repórteres, informadores e revisores, para além de uma combativa classe de tipógrafos – que não tinham o estatuto social nem a projeção cultural dos homens de letras, mas que eram essenciais para manter as publicações e viviam exclusivamente da atividade jornalística” (Peixinho e Dias, 2021: no prelo).

3 É este confronto que, em parte, explica a representação extremamente negativa do jornalista na literatura da época: “Jusqu'au début du XX^e siècle, l'image du journaliste donnée par les romans est indiscutablement négative” (Aziza et al., 1978, pp. 91-92).

mauvais lieu voué à la corruption, au mensonge, à l'esprit de facilité et à la prostitution morale, mais on idéalise, dans la même proportion, ce que devrait être le journal, s'il était à la hauteur de sa mission.
(Thérenty & Vaillant, 2004, p. 13)

Metodologia

O objetivo deste estudo é perceber de que forma o mundo da imprensa e os seus agentes são representados na ficção de Eça de Queirós. A escolha deste escritor prende-se com razões de ordem diversa: desde logo, por ser um dos principais romancistas portugueses de Oitocentos, que teve uma estreita ligação ao mundo da imprensa (Miné, 1986 e 2000; Peixinho, 2010a) e que, sobretudo, manifestou – em crónicas, cartas e testemunhos – uma lúcida perceção de um “admirável mundo novo” em que novos *media*, novas tecnologias e novas atitudes de consumo cultural anunciavam profundas mudanças no espaço público (Reis, 2015a)⁴.

4 “Nesse espaço, o jornal e a revista ocupavam lugares cada vez mais destacados, permanecendo o livro como um objeto mediático

Na verdade, o jornalismo como novo campo da modernidade é tematizado de modos diversos na obra do autor, quer em textos ensaísticos quer em crónicas de imprensa, mas sobretudo nos seus principais romances.

O *corpus* de análise selecionado é, assim, constituído por quatro romances de Eça: *O Crime do Padre Amaro*, publicado em 1875⁵;

e cultural que desempenhava funções próprias, não ignorando as que cabiam àqueles outros objetos, com os quais ele disputava os leitores. Isto quer dizer também que a cena da palavra escrita, da sua difusão e do seu consumo estava condicionada, no século XIX, por inovações técnicas que interferiam diretamente na conformação daquela cena. Por exemplo: o telégrafo e a sua expansão, a fotografia e a fototipia, a invenção da imprensa cilíndrica, em 1814 (recorrendo a ela, o *Times* imprimia 1100 folhas por hora), a rapidez das máquinas de impressão Marinoni, mais tarde, em 1890, o aparecimento das rotativas Derriez (capazes de imprimir 40 mil jornais por hora), etc. Junta-se a isto o trabalho das agências de notícias: a que aparece no episódio citado d'*O Crime do Padre Amaro*, a agência Havas, fora pioneira no seu campo (foi fundada em 1835) e na missão de enviar, como serviço pago, telegramas noticiosos para os jornais” (Reis, 2015a. pp. 9-10).

5 *O Crime do Padre Amaro*, antes de sair em formato de livro em 1876, foi publicado em folhetins na *Revista Ocidental*, entre 15 de fevereiro e 25 de maio de 1875 (Guerra da Cal, 1975, pp. 16-17). A segunda versão de 1876 (...) viria a ser superada pela terceira versão (1880), desmentindo a indicação

O Primo Basílio, de 1878; *Os Maias*, publicado 10 anos depois, em 1888, e *A Capital!*, romance póstumo⁶. Os critérios que presidiram a esta escolha ponderaram fatores de representatividade e cronologia: por um lado, trata-se de narrativas em que o mundo da imprensa – jornalistas, redações, jornais – ocupa um espaço diegético relevante; por outro lado, são obras que representam estádios diferentes da produção queirosiana – desde os romances realistas da década de 70 a obras da maturidade das últimas décadas do século – cobrindo um espectro diacrónico mais amplo, que, também em termos de história do jornalismo, é relevante.

A análise destas narrativas foca-se sobretudo na categoria personagem, por diversas razões: antes de mais porque é ela que dá corpo,

voz e materialidade aos diversos jornalistas que povoam as ‘cenas da vida portuguesa’ do escritor; acresce a este poder de representatividade o facto de, como sublinha Carlos Reis, “a personagem queirosiana não [existir] isolada no mundo da ficção: ela articula-se com outras personagens e estende os seus significados específicos aos grande sentidos da obra queirosiana” (Reis, 2013a, s/p.); uma terceira razão tem que ver com a valorização da personagem como categoria central da narrativa oitocentista, que explorou as suas inflexões temáticas, axiológicas e ideológicas (Reis, 2016); finalmente, teve-se em consideração o filão recente e muito fértil dos estudos narrativos que tem recuperado e resuscitado uma categoria da narrativa que havia sido esquecida pelo pós-estruturalismo e o pós-modernismo (Eder et al., 2011; Janidis, 2012; Margolin, 2008; Reis, 2015b).

Contudo, a dimensão típica destas personagens exige que a análise se alargue à dimensão espacial das histórias – e à sua vertente sociocultural – bem como ao universo diegético e suas implicações temáticas e

*O jornalismo
como novo campo
da modernidade
é tematizado de
modos diversos
na obra de Eça
de Queirós,
quer em textos
ensaísticos quer
em crónicas de
imprensa, mas
sobretudo nos
seus principais
romances*

“Edição Definitiva” impressa no frontispício do livro. Num escritor como Eça de Queirós, que longamente trabalhava e retrabalhava os seus textos, dificilmente um romance poderia ser, estando ele vivo, *definitivo*” (Reis, 2013a, s.p.).

6 Editado em 1925, “foi composto provavelmente entre os anos de 1877 e 1884”, segundo Fagundes Duarte, autor da edição crítica da obra que aqui se segue. Veja-se também Guerra da Cal, 1975, pp. 369-377.

ideológicas. Assim, além da análise das figuras que povoam os mundos narrativos dos romances em análise, dar-se-á atenção a um conjunto de espaços e objetos que rodeiam essas personagens e em relação aos quais os narradores adotam, quase sempre, posicionamentos críticos.

**De *O Crime do Padre Amaro* à *A Capital!* –
figuração⁷ dos jornalistas
portugueses**

Como se disse, na obra de Eça, ficcional e não ficcional, a faceta do escritor-jornalista permanece marcadamente presente nas suas reflexões, enredos, personagens e crítica social. Os seus textos, em publicações como o *Distrito de Évora*, “refletem as inquietações do escritor face ao novo poder nascente da imprensa” (Peixinho, 2007, p. 17), enquanto, nos seus romances, as personagens dos jornalistas e o mundo da imprensa correspondem a parcelas das “cenas da vida portuguesa” que o escritor

oitocentista se propunha “fotografar” e “caricaturar”⁸.

Desta forma, parte-se da análise de personagens jornalistas cuja ação na narrativa marcou a progressão do enredo, funcionando também como estratégias de crítica ao jornalismo oitocentista e aos vícios de quem exercia a atividade na época. A este respeito, recorde-se que a personagem é talvez a categoria central da ficção queirosiana mais trabalhada e aquela pela qual o autor ficou reconhecido, o que não escapou ao olhar sagaz de alguns dos seus caricaturistas⁹ (Peixinho, 2015). Diz Carlos Reis que:

8 Tomam-se de empréstimo dois verbos com que Eça resume os objetivos do Realismo, em carta dirigida a Rodrigues de Freitas, datada de 1878, na qual explica a construção do romance *O Primo Basílio*: “O que queremos nós com o Realismo? Fazer o quadro do mundo moderno, nas feições em que ele é mau, por persistir em se educar segundo o passado; queremos fazer a fotografia, ia quase a dizer caricatura do velho mundo burguês, sentimental, devoto, católico, explorador, aristocrático (Queirós, 1983, p. 142).

9 Lembremos a célebre caricatura de João Abel Manta, em que Eça surge representado como condutor de personagens-marionetas, ou ainda a obra do artista plástico brasileiro Belmonte que fixa a figura do escritor com o seu monóculo a encimar o grupo de dez das

Ao mesmo tempo, convém lembrar que a retórica da personagem, em tempo e em contexto realistas, determina a configuração de entidades com a nitidez e com a capacidade de diferenciação que as circunstâncias requerem: a personagem é, então, normalmente bem caracterizada, insere-se numa hierarquia estruturada, revela uma coerência e uma previsibilidade que a lógica do romance vigente impõe, deixando pouca margem para o inusitado. (Reis, 2015a, p. 80)

Agostinho Pinheiro, Saverda, Palma Cavalão e Melchior são os jornalistas que se destacam sobremaneira nas obras em análise. Agostinho Pinheiro surge no enredo de *O Crime do Padre Amaro* com a alcunha de “o Raquítico” (Queirós, 2000, p. 403). Redator do *Voz do Distrito*, fundado pelo “Grupo da Maia” (constituído por homens “particularmente hostis ao senhor governador civil” (Queirós,

suas mais famosas criaturas (Conselheiro Acácio, Amélia, Basílio e Lufsa, Juliana, Raposo e a Titi, Jacinto, Maria Eduarda e Fradique).

7 Sobre o conceito de figuração, veja-se Reis, 2018, pp. 165-168.

2000, p. 403), possuía uma “forte corcunda no ombro e uma figurinha enfezada de héctico. Era extremamente sujo; e a sua carita de fêmea amarelada, de olhos depravados, revelava vícios antigos, muito torpes” (Queirós, 2000, p. 403). Parente afastado de João Eduardo, o apaixonado de Amélia, ganha relevo na história por ter publicado um artigo calunioso sobre Amaro Vieira. Além da descrição física caricatural, o Dr. Godinho, chefe da redação do jornal, recorda que o contratou, dado que “precisava de um patife com ortografia, sem escrúpulos, que redigisse em linguagem sonora os insultos, as calúnias” (Queirós, 2000, p. 403). Esta descrição denuncia uma maior preocupação com o estilo do que propriamente com o conteúdo, a par de um forte pendor sensacionalista, o que contribuía para a perceção negativa dos jornais e seus profissionais da altura. Afinal, como pregava o chefe de redação: “havendo escândalo, conta-se! Não havendo, inventa-se!” (Queirós, 2000, p. 409). Para João Eduardo, a relação com o jornalista, Agostinho Pinheiro, foi usada a seu favor, vendo no jornal um instrumento para espelhar

a sua raiva, num artigo (publicado como comunicado subscrito por “Um liberal”), contra o clero, em geral, e Amaro, em particular.

A publicação do artigo gera um alvoroço na comunidade, sendo que os padres se uniram, para tentar fechar o jornal e indagar da identidade do caluniador. O poder político, representado pela figura do Sr. Gouveia Ledesma, que também tinha sido jornalista, intervém em defesa da publicação, declarando que “a liberdade de imprensa é um princípio sagrado!” (Queirós, 2000, p. 433). Não deixa de ser sintomática esta defesa, bem ilustrativa do compadrio entre políticos e jornalistas, tópico que Eça sempre denunciou, como se verá adiante. Por sua vez, “a patifaria do jornal” espoletou a intriga e as desconfianças em torno da natureza da relação entre Amélia e Amaro, comprovando o efeito na comunidade da ação da imprensa. Os “jornais ímpios”, que Amaro criticou, alimentaram as desconfianças e culminaram no rompimento do noivado de Amélia com João Eduardo. A cedência do jornal e dos seus profissionais à estratégia, também comercial, de *fait-divers* caluniosos (o que não era de

todo uma exceção à época, sobretudo na imprensa local) foi um sucesso, dado que “tinham-se vendido 80 números avulsos” (Queirós, 2000, p. 437). Um êxito de vendas que diz bem da eficácia deste tipo de “jornalismo” e que ilustra a sede de intriga dos habitantes do concelho de Leiria, uma pequena cidade de província em que o peso da ruralidade e da clerezia dominavam.

Em *O Primo Basílio*, a imprensa aparece em destaque logo na abertura do romance, com a protagonista, Luísa, sentada a ler o *Diário de Notícias*, onde é anunciada a chegada a Lisboa de seu primo Basílio de Brito. Contudo, somente mais adiante na narrativa surge o jornalista de maior relevo na obra: num jantar, após a condecoração do Conselheiro Acácio com a comenda de cavaleiro da Ordem de Santiago, surge Savedra, redator de *O Século*:

A sua face branca parecia mais balofa; o bigode muito preto reluzia de brilhantina; as lunetas de ouro acentuavam o seu tom oficial: trazia ainda no queixo o pó de arroz que lhe pusera momentos antes o barbeiro; e a mão,

*Embora
heterodiegéticos
e omniscientes,
os narradores
queirosianos não
se coíbem de fazer
emergir a sua voz,
com comentários
que conduzem
a leituras
preferenciais*

*que escrevia tanta banalidade e
tanta mentira, vinha aperreada
numa luva nova, cor de gema de
ovo. (Queirós, s/d., p. 327)*

Além da vaidade, denunciada pela brilhantina no bigode ou pelas lunetas de ouro, a “banalidade” e a “mentira” servem como crítica à superficialidade e à avidez pelo escândalo, sendo que a sua primeira ação é o elogio ao Conselheiro. “E pensava baixo: ‘Grandíssima cavalgada’. O que era a sua apreciação genérica de todas as obras contemporâneas – excetuando os seus artigos” (Queirós, s/d, p. 329). Trata-se de um comentário do narrador, que destaca os defeitos de caráter e de formação do jornalista: autoestima desmedida, falta de cultura e hipocrisia. Esta é uma estratégia dos narradores queirosianos deste período: embora heterodiegéticos e omniscientes, não se coíbem de fazer emergir a sua voz, com comentários que claramente conduzem a leituras preferenciais.

No decurso do episódio do jantar, é possível perceber o embaraço que a figura do jornalista provoca noutras personagens, como Acácio, que se

curvava “pálido”, tentando esconder a vergonha. “O Savedra do *Século* exclamou de boca cheia” (Queirós, s/d, p. 329), além de que “pedia mais arroz. Devorava” (Queirós, s/d, p. 332): são descrições que denunciam a sua falta de maneiras, pouca civilidade e boçalidade. Num debate com Julião sobre a imprensa, “gabava a profissão de jornalista” (Queirós, s/d, p. 338), somente quando havia lucro, destacava a entrada gratuita em teatros, bem como influências nas cantoras, admitindo gostar da ideia de que “sempre se é um bocado temido” (Queirós, s/d, p. 338). Uma conversa que denuncia um homem que exerce a “profissão”, não por vocação, mas pelos seus benefícios pessoais e sociais, que frequenta o submundo lisboeta e que tem a noção clara dos pequenos poderes dos jornalistas em destruir nomes e carreiras.

Na que é considerada a obra-prima de Eça, *Os Maias*, Palma Cavalão, proprietário e redator da *Corneta do Diabo*, “um jornal de pilhérias, de picuinhas”, nas palavras de Eusebiozinho, (Queirós, 2017, p. 472), “representa o jornalista vendido que, a troco do dinheiro, faz e desfaz

reputações” (Peixinho, 2010a, p. 151). Quando confrontado, pela publicação de uma carta sórdida e difamatória de Dâmaso Salcede, “o jornalista estendeu logo a mão larga, de unhas roídas, tremendo de reconhecimento e de esperança” (Queirós, 2017, p. 538) e, a troco de dinheiro, acabou por revelar a identidade do autor da difamação. Palma Cavalão, diretor da publicação, é uma personagem de *bas-fonds*, que constrói a sua teia de relacionamentos sociais oportunistas, que circula no mundo dos botequins, das secretarias e da prostituição. Este episódio ilustra bem o carácter volátil, de fácil suborno e manipulação a favor dos interesses de quem pagava mais. Afinal, “em negócios, era todo franqueza e lisura” (Queirós, 2017, p. 540). Mais um representante da “escória da sociedade”, expressão que, uns capítulos antes, João da Ega, indignado com uma crítica às *Memórias de um Átomo*, publicada na *Gazeta do Chiado*, usa para se referir aos jornalistas (Queirós, 2017, p. 178). Palma Cavalão, nas palavras de Carlos, – e sabe-se da importância, neste romance, das focalizações internas e dos comentários do protagonista

a respeito dos ambientes e tipos da cidade – era descrito como uma “coisa sebácea e imunda”. Aliás, como a própria publicação que geria: “a impressão, no papel, na abundância dos itálicos, no tipo gasto, todo ele revelava imundície e malandrice” (Queirós, 2017, p. 531).

Num outro episódio, bem conhecido, passado na redação do jornal *A Tarde*, João da Ega e Carlos da Maia encontram-se com o diretor, para lhe proporem a publicação de uma carta de retratação que Dâmaso Salcede fora obrigado a escrever. Inicialmente, Neves, o diretor, recusou tal pedido, invocando motivos de ética profissional, porém, quando percebeu que o Salcede de que falavam não era o deputado seu comparsa, mas sim “um gordalhufo (...) um maganão que nos entalou na eleição passada” (Queirós, 2017, p. 568), acedeu de imediato, propondo inclusive dar grande destaque de primeira página ao texto. Este episódio é um dos que melhor ilustram “o facto de os jornais serem entendidos como espaços de difamação e de duelos pessoais, através de artigos e cartas cuja publicação dependia, em grande medida, de

relações de amizade e de uma lógica de favores” (Peixinho, 2010a, p. 153).

Em *A Capital!*, o protagonista Artur Corvelo vivia deslumbrado com o que considerava ser a vida de um jornalista da capital. Depois da sua experiência académica em Coimbra, em que contactou com Damião, que dominava os destinos de um grupo de “rapazes extremamente literários, redatores ardentes do jornalzinho o *Pensamento*” (Queirós, 1992, p. 103), a sua vontade de ir para Lisboa era a concretização de um sonho: ambicionava “ceias com os jornalistas” (Queirós, 1992, p. 142), enquanto imaginava um “ruído incessante de máquinas de impressão, salas de redação resplandecentes de gás, penas que correm sobre o papel, derrubando ministérios ou edificando glórias e ditos de folhetinistas [...] fazendo a civilização” (Queirós, 1992, p. 148). No fundo, para o jovem Artur, a imprensa servia o seu propósito de ascender socialmente e alcançar reconhecimento nos círculos literários e culturais do país, leia-se da capital do reino.

É aqui que encontra Melchior Cordeiro, um jornalista que lhe fora

recomendado pelo amigo Rabecaz de Oliveira. Numa primeira tentativa, avisaram-no de que “ninguém conhece semelhante gente” (Queirós, 1992, p. 190), o que denuncia uma atitude de desprezo perante os “literatos” ou “jornalistas”. Contudo, no hotel, carinhosamente confirmaram que conheciam o “Melchiorzinho!” (Queirós, 1992, p. 192), que trabalhava na redação de *O Século*. “Baixo e grosso, com a cabeça fincada entre os punhos parecia absorvido, numa folha de papel escrevinhada (...) Tinha já a calva precoce do *deboche* e o cabelo fino como teias de aranha: sob o nariz carnudo, arqueava-se o bigode grosso” (Queirós, 1992, p. 192), assim o encontrou Artur Corvelo, enquanto compunha “uma noticiazinha *chic*” (Queirós, 1992, p. 194) denunciando, uma vez mais, a excessiva preocupação com o estilo e a superficialidade de muitos dos textos da imprensa da capital.

O jornalista surge na vida de Artur quando o jovem aparece na capital, tornando-se o seu amigo mais próximo. Propõe-se, de imediato, publicar um artigo anunciando a sua chegada e promovendo o seu

trabalho, o que ilustra bem uma das funções da imprensa à época, que servia muitas vezes para promoção social e cultural de jovens escritores. Mais tarde, depois de um jantar que Artur ofereceu aos amigos para lhes mostrar a sua “arte”, a notícia publicada não foi ao encontro das suas expectativas – embora o “amigo” Melchior se tenha comprometido a retificar. Contudo, ao longo da narrativa, é possível verificar que, apesar da aparente amizade, o jornalista era interesseiro e dependia do dinheiro de Artur para os seus pequenos luxos: “A personagem representa o jornalista oportunista que explora a ingenuidade do deslumbrado Artur” (Peixinho, 2010a, p. 151). Curiosamente, no final, desencantado, o protagonista apercebeu-se do oportunismo de Melchior que soube bem tirar partido da sua ingenuidade e vaidade. Embora a incursão pela capital tenha frustrado as suas expectativas, restou a Artur a consolação do reconhecimento e fama em Oliveira de Azeméis, a sua terra natal.

A representação literária queirosiana da figura do “jornalista” encontra eco em outras geografias

européias, cuja literatura representa uma visão dual e antagónica do mundo da imprensa: uma imagem altamente disfórica que representa os jornais como órgãos de corrupção, lugares de mentira, de calúnia e de prostituição moral; outra, oposta, que reflete o ideal de jornalismo, enaltecendo a sua missão moralizadora, democrática e educativa (Vaillant, 2004, pp. 13-15). De Balzac a Zola, passando por Stendhal ou Victor Hugo, todos viviam uma situação ambivalente face à imprensa. Bastará recordar o célebre texto de Balzac, *Monographie de la Presse Parisienne*, de 1843, ou mesmo os artigos de Stendhal publicados nas revistas inglesas, para perceber que ambos tinham consciência de que o preço a pagar pela projeção mediática conseguida pela imprensa era demasiado elevado (Peixinho, 2010a).

Assim é também na galeria de personagens-tipo queirosiana, como se viu, em que o jornalista é construído em termos extremamente negativos e com contornos caricaturais: Agostinho Pinheiro, redator do jornal *Voz do Distrito*, em *O Crime do Padre Amaro* (1875) era “um patife com ortografia,

sem escrúpulos, que redigi[a] em linguagem sonora os insultos, as calúnias, as alusões que eles traziam informemente à redação, em apontamentos. Agostinho era um estilista de vilezas” (Queirós, 2000, p. 403); em *O Primo Basílio* (1878), o jornalista é representado por Savedra, redator do *Século*, e correspondia ao “tipo de jornalista balofo, interesseiro e parcial” (Reis, 2000); em *Os Maias* (1888), ganha relevo Palma Cavalão, proprietário e redator do *Corneta do Diabo*, um jornal de calúnias, que serve um episódio secundário envolvendo o par protagonista e o sórdido Dâmaso Salcedo; em *A Capital!*, destaca-se a personagem Melchior Cordeiro, jornalista do jornal *Século*, que representa “o que de mais degradado existe num jornalismo destituído de ética e, para mais, de duvidosa aptidão técnica.” (Reis, 2000).

Representação de ambientes, espaços e outras figuras

Para cumprir a ambição, confessada em carta a Teófilo Braga, de “pintar a Sociedade portuguesa, tal

qual a fez o Constitucionalismo desde 1830” (Queirós, 1983, p. 135), além dos diversos tipos de jornalistas, o mundo da imprensa ocupa espaços socioculturais e específicos em diversos dos seus romances. Afinal, “do tipo prevalece geralmente a noção da sua ampla representatividade social, não exigindo para isso uma particular densidade psicológica” (Cunha, 2016, p. 204), sendo que os diversos pormenores que Eça vai introduzindo ao longo da narrativa completam as “cenas da vida portuguesa” e dão forma às personagens que constrói.

Em termos de espaços físicos e sociais, destacam-se as redações, pois há cenas passadas – muitas delas de grande relevo diegético – no interior desses espaços. Quando João da Ega, em *Os Maias*, chega à redação do jornal *A Tarde*, para aí se encontrar com o diretor Neves, “dentro do pátio desse jornal elegante fedia (...) numa vasta sala alumiada por bicos de gás sem globo, (...) uma mesa atulhada de jornais” (Queirós, 2017, p. 566). A descrição do espaço, dada pela focalização interna de Ega, remete para um ambiente de desleixo, desorganização, pouco profissionalismo. Mais

importante, no entanto, é a dupla significação dessas observações e o valor conotativo das descrições, que em Eça nunca são inocentes: pode ler-se a descrição deste espaço lúgubre como metonímia de uma visão do mundo da imprensa na Lisboa de Oitocentos¹⁰, necessariamente ficcional e caricatural, mas que denuncia uma subjetividade.

Uma situação similar encontra-se em *A Capital!*, com a percepção de Artur Corvelo, ao entrar na redação de *O Século*, onde “nas paredes, maços de papéis desdobrados pendiam de ganchos, resmas de jornais atulhavam aos cantos e um ténue véu de poeira cobria tudo” (Queirós, 1992, p. 192). Mais uma vez, um espaço que revela sujidade, desleixo, desarrumação e escuridão, em claro contraste com as expectativas idílicas e ingénuas do jovem de província.

Em *O Crime do Padre Amaro*, João Eduardo entra na redação do jornal: uma “sala escura em redor tinha o aspeto de uma caverna” (Queirós, 2000, p. 405). A alusão à escuridão

¹⁰ Sobre a estética do pormenor e a importância das descrições nos romances de Eça, veja-se Reis, 2002.

e à caverna contribuem para um clima de mistério e obscuridade, quase como se as redações fossem locais mal frequentados, propícios a intrigas e conluios. Por sua vez, quando o padre Natário desvendou a identidade do autor do comunicado insultuoso, insinuou a existência de orgias na redação contribuindo para o mito da promiscuidade e troca de influências que se acreditava haver nesses meios. Neste romance, é a imprensa local que está representada, mas que padece dos mesmos males da imprensa da capital: as redações também neste contexto são espaços-símbolo de mundos promíscuos, em que se construía e destruía reputações, em função de ligações e interesses pessoais e políticos.

Além das personagens-tipo acima analisadas e do valor simbólico dos espaços, estes romances contam com um conjunto de figurantes do universo dos jornais, que permitem aferir a existência de uma hierarquia de cargos e funções dentro das redações. Além dos redatores/jornalistas, como Melchior Cordeiro, há personagens, como Dr. Godinho, n' *O Crime do Padre Amaro*, ou o Dr. Saavedra, em

A Capital!, que escrevia “todas as noites as mesmas banalidades, as mesmas mentiras” (Queirós, 2000), que desempenham o cargo, respectivamente, de chefe de redação e diretor do jornal; ou ainda a figura do correspondente local de Oliveira de Azeméis, como Vilela, “uma autoridade na Corcovada” (Queirós, 1992). Trata-se de figuras masculinas, de estratos socioculturais mais baixos, indivíduos de fruste cultura e instrução duvidosa, sem capacidade de influência pública, representados ficcionalmente como provindos:

dos déclassés que as escolas rejeitaram, e dos tipos frustes que se quiseram eximir às profissões francamente laboriosas e correntes. Não é um homem de letras, e por outro lado falta-lhe educação que o transforme num crítico incisivo dos acontecimentos que desfilam; é literatiço falho, artigoleiro sem predicados de moralista. (Almeida, 1986, p. 139)

Em suma, a caricatura de Fialho de Almeida, expressa nesta crítica verrinosa, “reconhecia que o espaço

do jornal não era já a livraria do escritor ou o café da boémia, mas a redação que Raul Brandão via ‘em forja rubra, a certas horas da tarde ou da noite’, a botica de refeições e a leitaria” (Dias, 2019b).

Também outras profissões associadas à imprensa aparecem nos cenários queirosianos, como os ardinias ou os tipógrafos. Quando Amaro Vieira parte para Santa Apolónia, “numa ou noutra rua uma voz apregoava os jornais”; no grande final do romance, recheado de significados simbólicos, em que o Conde de Ribamar, o Cónego Dias e o Padre Amaro descem o Chiado:

Pessoas esbaforidas cegavam, rompiam pelos grupos que atulhavam a porta, e alçando-se em bicos de pés esticavam o pescoço, por entre a massa dos chapéus, para a grade do balcão, onde numa tabuleta suspensa se colocavam os telegramas da Agência Havas (...). (Queirós, 2000, p. 1019)

que anunciavam a eclosão da Comuna de Paris, perante a indiferença do estadista e dos dois clérigos, rodeados

de ardinhas, “rapazitos de voz plangente oferecendo o *Jornal das Pequenas Novidades*” (usados na década de 60 como estratégia comercial pelo então recente *Diário de Notícias*¹¹). No mesmo romance, aparece também a figura do tipógrafo, Gustavo, revolucionário e valorizado pela sua cultura, que sugeriu escrever um folhetim com João Eduardo, uma vez que lhe negaram um novo artigo no jornal. Recorde-se a importância dos tipógrafos na construção e emancipação do campo jornalístico¹² na transição do século XIX para o século XX e que eram uma “espécie de elite operária ou já aburguesada que, em alguns casos limite, chegaram a atingir um patamar superior na escala social, cultural e política” (Peixinho & Dias, 2021, p. 38). N’*O Primo Basílio*, num passeio de Luísa, após o arrufo com Basílio,

*Como outros
homens de letras
do seu tempo,
Eça de Queirós
tem uma relação
umbilical, embora
ambígua, com
a imprensa*

“no rumor lento das ruas em redor sobressaíam as vozes agudas dos vendedores dos jornais” (Queirós, s/d., p. 231).

Como refere Isabel Vargues, “tal como em França, Inglaterra e Espanha, também em Portugal os profissionais do jornalismo mantinham fortes laços com a política e com a literatura, exercendo já então uma influência considerável na sociedade através de uma imprensa de opinião” (Vargues, 2003, pp. 158-159). N’*Os Maias*, há o exemplo de Neves, diretor do jornal que também exercia o cargo político. Personagens como Artur Corvelo tipificam aqueles que viam nos jornais um instrumento para alcançar determinados objetivos sociais e políticos. Em *A Capital!*, Carvalhosa era o exemplo claro de um político e deputado que utiliza a *Ideia* para partilhar a sua opinião na esfera pública. Afinal, “ser jornalista era também uma ocupação reservada quer a literatos, quer a políticos, que entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião” (Peixinho, 2007, p. 19).

Eça de Queirós, embora tivesse vivido a maior parte da sua vida

11 José Tengarrinha defende que a criação do *Diário de Notícias* funciona como um episódio simbólico que inaugura a fase industrial da imprensa nacional: baixando o preço de venda do jornal, criando a profissão dos ardinhas, usufruindo das receitas publicitárias, Eduardo Coelho segue a tradição de Émile Girardin, criador do *La Presse*, ou de Millaud fundador do *Le Petit Journal*, em França (Tengarrinha, 1989, pp. 213-215; 221-231).

12 Veja-se sobretudo Barreto, 1982.

fora de Portugal, não ignora o forte pendor panfletário e literário do jornalismo oitocentista nacional, através da referência a diversos folhetins, bem como a personagens como Bastos, folhetinista da *Verdade*, n' *O Primo Basílio*. Por sua vez, muitos eram aqueles que usavam os jornais para a publicação das suas obras e contos, como pretendia Artur Corvelo. Destaca-se o caso do *Diário Popular*, cujos contos eram os preferidos de Amélia e as cartas amorosas as preferidas de sua mãe. Não esquecendo a forte presença do teatro, quer da publicação dos anúncios das peças quer das “análises dos teatros nos jornais” (Queirós, 2000). Além da “abundância de notícias superficiais, sobretudo de partidas e chegadas dos ilustres, listagens de aniversários e parágrafos copiados de outros jornais” (Peixinho, 2010a, p. 156).

Ao longo do percurso das personagens nos quatro romances analisados, é possível denotar a instrumentalização da imprensa, quer seja pelos seus profissionais, quer seja por entidades externas, para a perseguição de interesses políticos e/

ou pessoais. Os seus retratos denunciavam “grandes vícios dos homens da imprensa: a falta de verdade, a vaidade, a ausência de uma formação adequada, a leviandade de juízos e a promiscuidade entre política, jornalismo e dinheiro” (Peixinho, 2010a, p. 134). Melchior era um jornalista que, para conquistar Artur, prometia e publicava artigos elogiosos ao amigo. Palma Cavalão e Neves procuravam o benefício próprio, quer em termos monetários quer políticos. Não descurando a crítica à sociedade lisboeta, o narrador de *Os Maias* refere a: “horrrível Lisboa, com o seu apodrecimento moral, o seu rebaixamento social, a perda inteira do bom-senso, o desvio profundo do bom gosto, a sua pulhice e o seu calão, podia produzir uma *Corneta do Diabo*” (Queirós, 2017, p. 533). Agostinho Pinheiro tinha um gosto pelo escândalo e Savedra apreciava mais a fundo a sua vaidade do que o ofício que representava. Até Juliana, quando descoberta por Sebastião, alega recorrer aos jornais como arma para a denúncia: “Os diabos me levem se eu não for para os jornais” (Queirós, s/d., p. 397).

Conclusão: quem eram, afinal, os jornalistas do século XIX retratados por Eça?

“A imprensa jornalística em Portugal, nos meados do século XIX, alcançou um novo papel no espaço público” (Vargues, 2003, p. 160). Como tal, é de esperar que alguém com o percurso de Eça, um arguto observador da realidade e um homem que toda a vida esteve ligado aos jornais, se dedicasse a caricaturar os seus vícios e potenciais virtudes nos seus romances. A construção das suas personagens e a criação dos ambientes ficavam marcados na memória do leitor, moldando a sua perceção dos profissionais da imprensa, ao mesmo tempo que permitem aos leitores de hoje adivinhar um retrato, não obstante ficcional, crítico e caricatural, do jornalismo oitocentista e dos seus atores principais.

A necessariamente rápida viagem por estas figuras queirosianas permite, desde logo, salientar dois aspetos importantes: i) por um lado, a presença destas personagens nos romances de Eça testemunha a importância que a profissão de jornalista assumia no

xadrez sociocultural urbano da segunda metade do século XIX; ii) por outro, sendo objeto de procedimentos e figuração caricaturais e distorcidas, estas figuras são reveladoras da desconfiança e desprezo que esta nova “classe profissional” merecia por parte de uma certa elite culta que, desde o início do século, dominava o mundo dos jornais. Todas elas apresentam uma caracterização física caricatural – desleixo, debilidade física e até falta de higiene – que deve ser lida como índice de um baixo estatuto social que se quer realçar, num tempo em que o jornalismo também era um meio de sobrevivência e de ascensão social, como já se referiu; todas estas figuras revelam também uma estatura moral pouco abonatória (falta de escrúpulos, tendência para a corrupção e, sobretudo, submissão ao poder e ao dinheiro).

Ressalve-se, contudo, que poucas são as classes profissionais ou categorias sociais que escapam, na ficção queirosiana, a este olhar crítico. Mesmo durante as longas permanências em Inglaterra (Newcastle e Bristol) e em França (Paris), os jornais, o jornalismo e os jornalistas europeus foram objeto de atenção, crítica e

ironia do escritor¹³. Como outros homens de letras do seu tempo, mas com um privilegiado olhar transnacional, Eça de Queirós tem uma relação umbilical, embora ambígua, com a imprensa. O certo é que, como a análise acima permite demonstrar, desde a década de 70, em obras de matriz realista, até ao final da sua vida pública, nunca deixou de integrar nos seus romances jornalistas, redações, ardinhas, tipógrafos, leitores. A representação que deles nos constrói, pese embora “evocando um mundo que nunca existiu” (Duarte, 2008), permite compreender aspetos relevantes das tensões desse campo, num período de afirmação de uma profissão em construção.

Referências bibliográficas

Almeida, F. de (1986). *Os Gatos. Seleção e introdução por Maria Antónia*

¹³ Remete-se para a leitura de *Cartas de Londres* (que reúnem 15 crónicas enviadas de Newcastle para o jornal republicano português *A Atualidade*) ou de *Textos de Imprensa IV* (que compila um vasto conjunto de textos que o autor publicou como correspondente da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro) (Queirós, 2002).

Carmona Mourão e Maria Fernanda Pereira Nunes. Lisboa: Ulisseia.

Aziza, C., Olivieri, C., & Strick, R. (Eds.) (1978). *Dictionnaire des types et des caractères*. Paris: Fernand Nathan.

Barreto, J. (1982). Os tipógrafos e o despontar da contratação colectiva em Portugal (II). *Análise Social*, XVIII(70), 1.º, 183-212.

Conboy, M., & Tang, M. (2016). Core Blighty? How journalists define themselves through metaphor. *Journalism Studies*, 17(7), 881-892. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1173521>

Cunha, A. (1941). *Jornalismo Nacional: das malogradas associações de imprensa à alvitrada Ordem dos Jornalistas Portugueses*. Lisboa: Sindicato Nacional dos Jornalistas.

Cunha, M. do R. (2016). Para uma poética da personagem queirosiana. *Revista de Estudos Literários*, 6, 201-217. http://dx.doi.org/10.14195/2183-847X_6_9

Dias, L. A. C. (2014). Imprensa e espaço público. In M. F. Rollo (Ed.), *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*, Vol. II (pp. 370-373). Lisboa: Assembleia da República.

Dias, L. A. C. (2019). Lire “au coin de la rue”, ou l’entrée du Portugal dans

- l'ère médiatique. *Le Temps des Médias*, 32, 201-218. <https://doi.org/10.3917/tm.032.0202>
- Duarte, I. M. (2008). Eça de Queirós: evocação de um mundo verdadeiro que nunca existiu. In I. M. Duarte & F. Oliveira (Eds.), *O fascínio da linguagem: actas do colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca* (pp. 173-187). Porto: Universidade do Porto.
- Eder, J., Jannidis, F., & Schneider, R. (Eds.) (2011). *Characters in fictional worlds. Understanding imaginary beings in literature, film and other media*. Berlin, New York: Walter De Gruyter.
- Ferenczi, T. (1993). *L'invention du journalisme en France. Naissance de la presse moderne à la fin du XIX^e siècle*. Paris: Plon.
- Freitas, H. de S. (2002). *Jornalismo e literatura: inimigos ou amantes? Contribuições para o estudo de uma relação controversa*. Setúbal: Peregrinação Publications.
- Guerra da Cal, E. (1975). *Lengua y estilo de Eça de Queiroz – Apêndice Bibliográfica Queirociana sistemática e anotada e iconografia artística del hombre y la obra*, Tomo I^o. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Janidis, F. (2012). Character. In P. Hühn, J. C. Meister, J. Pier & W. Schmid (Eds.), *The living handbook of Narratology*. Hamburg: Hamburg University. Consultado a 26 de maio de 2021, em <http://www.lhn.uni-hamburg.de/>
- Margolin, U. (2008). Character. In D. Herman, M. Jahn & M.-L. Ryan (Eds.), *The Routledge encyclopedia of Narrative Theory* (pp.52-57). London and New York: Routledge.
- Miné, E. (1986). *Eça de Queirós jornalista*, (2^a ed). Lisboa: Livros Horizonte.
- Miné, E. (2000) *Páginas flutuantes – Eça de Queirós e o jornalismo do século XIX*. São Paulo: Ateliê Editora.
- Peixinho, A. T. (2007). Textos jornalísticos de Eça Queirós: o jornalismo oitocentista olhado pelo escritor/jornalista. *Estudos do Século XX*, 7, 15-38. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622_7_1
- Peixinho, A. T. (2010a). *A Epistolaridade nos textos de imprensa de Eça de Queirós*. Lisboa: Fundação Calouste Gukbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Peixinho, A. T. (2010b). Escritores e jornalistas: um Estudo de Caso. In M. M. Tavares Ribeiro (Ed.), *Outros combates pela História* (pp. 423-436). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0199-1_29
- Peixinho, A. T. (2015). Na pele de jornalista inventando figuras: personagens em génese no Distrito de Évora. *Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a Sua Geração*, 23 e 24, 33-54.
- Peixinho, A. T., & Dias, L. A. C. (2021). Jornais, jornalismo e jornalistas na viragem do século XIX para o século XX: a formação dos jornalistas na viragem de oitocentos para novecentos. In J. P. Sousa et al. (Eds.), *Para uma História do Jornalismo em Portugal II* (pp. 29-42). Lisboa: ICNOVA [no prelo].
- Queirós, E. de (1983). *Correspondência. Coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho*, 1^o e 2^o Vols. Lisboa: I.N.C.M.
- Queirós, E. de (2017). *Os Maias. Edição Crítica de Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha*. Lisboa: INCM.
- Queirós, E. de (s/d.). *O primo Basílio*. Edição de Helena Cidade Moura. Lisboa: Livros do Brasil.

- Reis, C. (2000). *Vida e obra de Eça de Queirós. Trajectos, discursos, imagens*. Porto: Porto Editora Multimédia.
- Reis, C. (2002). Eça de Queirós e a estética do pormenor. In *Atas do Congresso de Estudos Queirosianos, IV Encontro Internacional de Queirosianos* (pp. 13-30). Coimbra: Almedina.
- Reis, C. (2013a). Personagens. In *Queirosiana Wordpress* (disponível em <https://queirosiana.wordpress.com/personagens/> (consultado em janeiro de 2021)).
- Reis, C. (2013b). O crime do Padre Amaro, 2ª versão. In *Queirosiana Wordpress* (disponível em <https://queirosiana.wordpress.com/2013/10/30/o-crime-do-padre-amaro-2a-versao/> (consultado em março de 2021)).
- Reis, C. (2015a). Impaciente aspiração: a questão mediática em Eça de Queirós. *Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a sua geração*, 23 e 24, 7-27.
- Reis, C. (2015b). *Pessoas de livro. Estudos sobre a personagem*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Reis, C. (2016). Eça de Queirós e a personagem como ficção. *Revista de Estudos Literários*, 6, 29-60. https://doi.org/10.14195/2183-847X_6_1
- Reis, C. (2018). *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina.
- Santos, M. de L. L.dos (1985). *Intelectuais portugueses na primeira metade de oitocentos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Sardica, J. M. (2012). O poder visível: D. Carlos, a imprensa e a opinião pública no final da monarquia constitucional. *Análise Social*, Lisboa, 203, XLVII (2º), 344-368.
- Soares, I. (2011). Literary journalism's magnetic pull: New journalism and the Portuguese at the fin-de-siècle. In J. Bak & B. Reynolds (Eds.), *International literary Journalism: Historical traditions and transnational influences* (pp. 118-133). Amherst: University of Massachusetts Press.
- Tengarrinha, J. (1989). *História da imprensa periódica portuguesa*. (2ª ed. revista e aumentada). Lisboa: Editorial Caminho.
- Thérenty, M.-E. (2003). *Mosaïques. Être écrivain entre presse et roman (1829-1836)*. Paris, Honoré Champion.
- Thérenty, M.-E., & Vaillant, A. (Eds.) (2004). *Presse & plumes. Journalisme et littérature au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau-Monde Editions.
- Vaillant, A. (2004), La presse au miroir de la littérature. In M-E. Thérenty & A. Vaillant (Eds.), *Presse & plumes. journalisme et littérature au XIX^e siècle* (pp. 13-15). Paris: Nouveau-Monde Editions.
- Vargues, I. N. (2003). A afirmação da profissão de jornalista em Portugal: um poder entre poderes? *Revista de História das Ideias*, 24, 157-175. http://doi.org/10.14195/2183-8925_24_5